

HIPERSEXUALIZAÇÃO E SAÚDE ÍNTIMA: Consciência Negra reacende debate sobre impacto do racismo na vida das mulheres negras



No Dia da Consciência Negra, ganha força o debate sobre como a hipersexualização do corpo feminino negro segue influenciando, de forma profunda, a saúde sexual e reprodutiva das mulheres negras no Brasil. Pesquisas do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA em parceria com o UNFPA apontam que elas enfrentam mais barreiras para acessar cuidados especializados — desigualdade que não se explica por fatores biológicos, mas por um legado histórico de desumanização.

Esses estereótipos, originados no período escravocrata e perpetuados em diferentes esferas sociais, ainda moldam a forma como o corpo negro é percebido nos serviços de saúde: mais resistente, mais disponível e menos sensível. Essa visão distorcida contribui para a negligência de sintomas, para o atraso de diagnósticos e para o agravamento de condições que afetam diretamente o bem-estar físico e emocional.

A fisioterapeuta pélvica Flaviana Teixeira destaca que o impacto desses imaginários é profundo.

“O problema não está na mulher negra, mas no que foi culturalmente projetado sobre ela,” afirma. “Quando o corpo é visto como mais forte ou mais disponível, muitas mulheres sentem que não têm ‘direito’ à dor, ao cuidado ou à vulnerabilidade. Isso repercute no autocuidado, na autoestima e na forma como sintomas são percebidos ou expressos.”

Segundo a especialista, quadros como dor pélvica, tensão muscular, desconfortos íntimos e dificuldades no pós-parto são frequentemente minimizados — tanto por profissionais de saúde quanto pelas próprias pacientes, influenciadas por esses estigmas. O resultado é o agravamento das condições e o aumento do sofrimento físico e emocional.

Para Flaviana, discutir saúde íntima no âmbito da Consciência Negra é fundamental para romper com esses padrões e promover ambientes de cuidado mais acolhedores.

“Cuidar da saúde íntima também é reconstruir a relação com o próprio corpo,” afirma. “Conforto, bem-estar e prazer não podem estar submetidos a expectativas sociais que colocam a mulher negra como sempre disponível ou sempre resiliente. Espaços de cuidado precisam reconhecer essas histórias e considerar a dimensão emocional da experiência feminina.”

O debate reforça que enfrentar o racismo na saúde é parte essencial da luta por igualdade e dignidade, especialmente para mulheres historicamente silenciadas por estereótipos que ainda

persistem no imaginário social.

Foto: Divulgação

<http://jornalpanfletus.com.br/noticia/7408/hipersexualizacao-e-saude-intima-consciencia-negra-reacende-debate-sobre-impacto-do-racismo-na-vida-das-mulheres-negras> em 09/05/2026 06:12